

DIVERSIDADE CULTURAL NUMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL

Gilcimara Sacchi Roque (UNIR/Vilhena)

Resumo: Este artigo busca refletir e discutir sobre a Diversidade Cultural numa perspectiva educacional, pois a escola é um espaço que deve abrigar todas as raças, religiões, credos, cores democraticamente. É um espaço sociocultural em que todas as diferenças se encontram. Mas será que elas são respeitadas e valorizadas? Percebe-se que essas diferenças não se limitam apenas no reconhecimento do outro como diferente, mas também numa relação entre o eu e o outro. Isso significa pensar em processos tanto individuais quanto coletivos. Será que a escola como espaço social e cultural, possibilita a inclusão de todo tipo de diferenças? Hoje fica evidente que essa antiga discussão sobre educação e diversidade no espaço escolar não diz respeito apenas ao reconhecimento das diferentes culturas. Significa pensar no relacionamento entre as partes, e o professor entra como um mediador de lados não tão iguais. O pedagogo aplica o currículo exigido pela instituição, mas não de forma padrão. Precisa levar em conta as diversidades existentes em sua sala de aula promovendo assim um espaço que valorize o interculturalismo e que combata o Etnocentrismo. Dessa forma esse artigo pretende discutir sobre as diferenças presentes na escola e nas transformações que podem valorizar e criar um espaço para o diálogo entre as culturas.

Palavra-chaves: Diversidade. Cultura. Escola. Educação. Diferenças. Professor.

Introdução

O conceito de diversidade cultural tem sido discutido por vários autores, o que ampliou a discussão e a reflexão sobre essa temática que ganhou espaço no âmbito educacional. Pois, se entendermos que cada grupo étnico possui sua forma de se expressar no mundo, ampliamos nossa compreensão de que há uma diversidade cultural que deve ser compreendida, senão respeitada. Esse respeito compreende a liberdade de expressão já que diversidade cultural são diferenças culturais que existem entre os seres humanos. Há vários tipos, tais como: a linguagem, danças, vestuário e outras tradições como a organização da sociedade.

O termo diz respeito à variedade de idéias, caracterizando os diferentes elementos da convivência e de determinados assuntos, referindo-se também a crenças e a padrões de tempo e espaço, de diferentes ângulos de visões e abordagem. Segundo

Margarida Neves (2000, p. 114): “[...] o ser humano tem múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas. Sua vida é uma totalidade, na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver”.

Percebe-se que a diversidade está relacionada ao respeito, à variedade e à convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, estando esse conceito relacionado à Cultura e à identidade, tanto pessoal quanto cultural. A identidade é uma construção que se faz com aspectos culturais, isto é, ela se caracteriza pelo conjunto de elementos culturais adquiridos pelo indivíduo através da herança cultural. A identidade confere diferenças aos grupos humanos. Ela se evidencia em termos da diferença e do contraste do outro. Ao longo de nossa história, na qual a colonização se fez presente, a escravidão e o autoritarismo contribuíram para o sentimento de superioridade de quem fazia parte da elite brasileira. (OLIVEIRA, 2001).

A sociedade brasileira reflete, por sua própria formação histórica, o pluralismo. Somos nacionalmente, hoje, uma síntese intercultural, não apenas um mosaico de culturas. E, com o passar do tempo, foram mudando as relações e as identidades. A prática educacional, até certo ponto, não acompanhou essa tendência. Ou seja, não existe apenas uma única cultura aceita pela sociedade. Por isso, não se deve transmitir apenas uma única cultura dentro da escola, silenciando e excluindo o “Diferente”, transmitindo apenas o discurso culturalmente padronizado e dominante. “Aprender a ser humano, a viver com outro, faz parte das coisas essenciais a toda educação” (WULF, 2005, p. 95).

Nesta perspectiva, entram em campo as contribuições da antropologia, que segundo Wulf (2005, p. 51) “tem por fim mostrar a diversidade dos seres humanos para melhor compreender quem são os homens, compreender não no sentido de simplificar e negar as contradições, mas compreendendo o homem em toda a sua complexidade”. A antropologia da educação, assim, deve ser entendida como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo “Outro”; uma maneira de se situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, humanos.



Assim o indivíduo pode encontrar seu lugar na comunidade e construir o seu ser social. Na ausência de um reconhecimento suficiente o indivíduo se sente marginalizado e excluído, tornando-se “invisível”. Solidão e magoa são as consequências do não reconhecimento (WULF, 2005, p. 159).

O autor deixa evidente que a experiência do outro pode ser uma chance para a educação, e que somente através do reconhecimento e da aceitação do outro podemos nos construir como um ser social e cultural que tem como necessidade o olhar do “OUTRO”, já que a identidade é resultado de um processo dialético entre o que é de caráter individual e cultural, uma produção sócio-histórica, um processo criado e recriado continuamente. É pelo olhar do outro que me constituo como sujeito. É a qualidade desse olhar que contribui para o grau de auto-estima dos indivíduos.

A diversidade é uma característica muito presente nas culturas populares principalmente, e a escola é o lugar onde essas diferenças aparecem. E, para que essas culturas não sejam marginalizadas, é preciso refletir sobre os conceitos de cultura e diversidade nas instituições escolares, pois atualmente se destaca a necessidade de reconhecer a particularidade e a diversidade das culturas para que elas possam florescer dentro da sala de aula sem que sejam podadas ou até mesmo cortadas.

Este artigo visa mostrar um pouco a visão de alguns autores sobre a diversidade na perspectiva educacional, refletindo sobre essa relação entre o eu e o outro, para que o professor e os alunos enxerguem a escola como um espaço de troca de saberes e não um espaço massificante, de a negação da cultura do outro.

1. Diversidade cultural e escola

A diversidade é percebida, com frequência, como uma disparidade, uma variação, uma pluralidade, quer dizer, o contrário da uniformidade e da homogeneidade. Vivemos, portanto numa contradição entre o discurso e a prática. Uma hora somos uma nação única que surgiu através da misturas dos povos, daí a condição de que somos indivíduos diversificados culturalmente. Porém diariamente vive-se inúmeras práticas preconceituosas nas nossas relações sociais, ou seja, as pessoas são discriminadas por

possuírem um gênero, sexo ou etnia diferente. Para Anete Abramowicz (2006, p.12) “diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. Nesse sentido, podemos afirmar que onde há diversidade existe diferença.

Mas o que significa diversidade cultural em país onde os diversos grupos sociais são marginalizados em suas representações? Falar sobre diversidade não pode ser só um exercício de perceber os diferentes, de tolerar o “outro”. É preciso ir além, pois, antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como essa diferença é produzida e quais são os jogos de poder estabelecidos por ela.

[...] A diversidade cultural é muito mais complexa e multifacetada do que pensamos. Significa muito mais do que a apologia aos aspectos pluriétnico e pluricultural de nossa sociedade. Por isso refletir sobre a diversidade cultural exige de nós posicionamento crítico e político e um olhar mais ampliado que consiga abarcar os seus múltiplos recortes, diante de uma realidade cultural e radicalmente miscigenada como é o caso da sociedade brasileira, essa tarefa torna-se mais difícil e desafiadora (GOMES, 2003, p. 72).

O autor coloca em foco, assim, a função social e política da escola, que deve por-se frente a frente na luta pelo respeito e valorização das diferenças. Tomaz Tadeu da Silva (2000) afirma também que a diversidade cultural não é um ponto de origem. Ela é, em vez disso, um processo conduzido pelas relações poderes constitutivos da sociedade que estabelece o “outro”, diferente do “eu”, e o “eu”, diferente do “outro”, como uma forma de exclusão e de marginalização.

Neste sentido, nota-se como é importante que a escola seja um espaço de inclusão e diálogo entre as culturas, já que o “outro” também é um ser social e cultural. Sendo assim, a escola necessita de uma ação pedagógica realmente pautada na diversidade cultural, tendo como princípio uma política curricular da identidade e da diferença, permitindo não só o reconhecimento e a celebração da diferença, mas também questionando-a, a fim de perceber como ela discursivamente está constituída em nossa sociedade.



Como a educação escolar pode se manter distante da discussão da diversidade se a mesma se faz presente no cotidiano escolar (universo escolar) por meio da presença de professores/as e alunos/as dos mais diferentes pertencimentos étnico-raciais, idades e culturas? (GOMES, 2008, p. 17-18).

Pensando nesta perspectiva, percebemos que cada escola está situada em um local diferente das demais, com outros alunos, cada um com uma história diferente. A comunidade de cada escola é formada por uma população diversificada com seus costumes e crenças em particular. É preciso, então, perguntar: qual a dimensão sócio-cultural da escola? A questão se justifica, porque essa mistura acaba se tornando um desafio para a escola. Ela deve trabalhar com todas as diferenças individualmente, abrir um espaço para todos sem exceção, não formar um grupo homogêneo, mas fazer com que cada um em especial use sua identidade, suas experiências, para ajudar o grupo, trocando idéias, experiências, modos diferentes de ser e agir proporcionando o crescimento individual e coletivo.

Já que alunos (as), ao chegarem à escola, trazem consigo um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, atribuindo sentidos e significados ao mundo social em que se inserem. Assim, tanto escola quanto o professor devem levar o aluno a perceberem as relações em que estão imersos para que se apropriem dos significados que lhes são oferecidos e os reelaborem, formando, assim, sua consciência individual e coletiva.

Esse tema é muito relevante e tem suma importância para as escolas que querem desenvolver um plano de ensino que não seja massificante e consiga incluir todos os alunos nesse contexto. Sendo assim, é preciso que escola e professores (as) ampliem seu conceito sobre diversidade cultural, pois, sem isso, fica difícil para a escola conseguir se adaptar a essa realidade, lembrando que

a escola é um dos espaços socioculturais em que as diferentes presenças de encontram. Mas será que essas diferenças são tratadas de forma adequada? Será que a garantia da educação escolar como um direito possibilita a inclusão dos ditos diferentes? Por isso a reflexão sobre as diferentes presenças na escola e na sociedade brasileira devem fazer parte da formação e da prática de todos/as os/as educadores/as e daqueles que se interessam pelos mais diversos tipos de processos educativos (GOMES, 2003, p. 73).

É preciso pensar até que ponto a escola está sendo coerente com a sua função social quando se propõe a ser um espaço aberto à diversidade cultural. A escola deve ser um espaço de inclusão. Mas, quando se pensa em inclusão na diversidade, ela não se refere apenas e exclusivamente aos portadores de deficiência. Ela vai muito além. Quando pensada sob o aspecto de uma inclusão social, a escola precisa respeitar todo o tipo de diferença, seja ela étnica, racial, de classe, ou de gênero. Nesse contexto, pode-se afirmar o seguinte sobre a escola:

A escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo. As relações sociais referem-se ao fato de a escola ser tanto um local de encontro entre as crianças, jovens quanto um local que tem relação com a mídia e outros espaços culturais. Um aspecto importante é pensar que são esses espaços educacionais, culturais e de lazer que transparece a posição que o indivíduo ocupa hoje na cultura (LOURO, 2003, p. 90)

A autora deixa evidente que a escola deve ser um espaço onde seja valorizado a particularidade do aluno e que nesse espaço a identidade social do aluno deve ser considerada, e as práticas educativas devem ter uma função transformadora, aproximando assim as diferenças numa perspectiva social e cultural simultaneamente, já que todos os alunos são seres sociais e, assim, portadores de uma carga cultural enorme, repleta de valores, de atitudes, de comportamentos e de significados. Por isso, faz-se importante a valorização da diversidade no contexto educacional, sendo preciso,

saber vê-los e os compreender como pessoas que trazem à escola as marcas identitárias de seus modos de vida e das culturas patrimoniais de suas casas, famílias, parentelas, vizinhanças comunitárias, grupos de idade e de interesse. Meninos e meninas que “são quem são” ou que “são como são” porque habitam mundos culturais que o mundo escolar tendeu durante muito tempo a invisibilizar, ou a perceber de longe, envolto em uma confusa penumbra. (BRANDÃO, 2009, p. 14)

É preciso, assim, que haja não somente a valorização do coletivo. É preciso que haja também o respeito à individualidade. O aluno deve ser visto como um ser social, carregado de sentido e de valor, sendo a manifestação do seu ser exposta na sala de aula.

2. Cultura(s), diversidade cultural e currículo



O que entendemos por cultura? A cultura pode ser entendida como o conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. É um processo em permanente evolução, diverso e rico. É preciso ir além e entender a cultura num sentido Antropológico, segundo o qual não falamos em Cultura, no singular, mas em culturas, no plural, pois,

a palavra “culturas” (no plural) corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais de gênero etc.) e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais. Cultura identifica-se assim, com a *forma geral de vida* de um dado grupo social, com representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 27).

Nesta visão antropológica, a cultura deixa de ser vista como uma coisa (artes) ou estado de ser (civilização) e passa a ser uma prática social. Neste sentido, a cultura não somente envolve o homem, mas penetra-o, modelando sua identidade, personalidade, maneira de ver, pensar e sentir o mundo. Assim

a cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias e as (tessituras) e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios as nossas vidas e aos nossos mundos. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criarmos com os outros o seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver (BRANDÃO, 2002, p. 31).

Atualmente não podemos mais negar que a escola é um local formado por uma população com diversos grupos étnicos, com seus costumes e suas crenças. Por isso, é preciso uma prática pedagógica culturalmente orientada, pensando a escola como um espaço de cruzamento de culturas e saberes. Segundo Brandão (2009, p.12), “a relação entre a educação e a cultura é, portanto, mais do que apenas próxima. Ela é absolutamente íntima, interativa, inclusiva”. É preciso pensar nessa relação entre cultura e educação para melhor entendimento sobre a diversidade.

Refletir sobre a escola e a diversidade cultural significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, aceitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, no cerne do processo educativo. Esse reconhecimento não é



algo fácil nem romântico. Nem sempre o diferente nos encanta. Muitas vezes ele nos assusta, nos desafia, nos faz olhar para a nossa própria história, nos leva a passar em revista as nossas ações, opções políticas e individuais e os nossos valores. Reconhecer as diferenças implica romper com os preconceitos, superar as velhas opiniões formadas sem reflexão, sem o menor contato com a realidade do outro (GOMES, 2003, p. 73).

Cada construção cultural e social possui uma dinâmica própria, escolhas diferentes e múltiplos caminhos a serem trilhados. Não existem grupos superiores ou inferiores, mas grupos diferentes. Um grupo pode ter menor ou maior desenvolvimento tecnológico se comparado um ao outro. A escola precisa ter uma prática pedagógica que valorize e enxergue o outro nas suas diferenças e semelhanças, sendo assim a escola precisa ser um espaço de troca de saberes, onde há o reconhecimento das diversidades culturais e sociais de cada aluno envolvendo-os numa comunicação e socialização das culturas existentes na sala de aula. Para que não haja práticas intolerantes, arrogantes e autoritárias praticadas pelos professores que em muitos casos reproduz dentro da sala de aula desigualdades, no momento em que trabalha com padrões culturais distantes das realidades dos alunos.

Escola e o professor precisam permitir ao aluno o entendimento de que a sociedade atual em que vivemos nada mais é do que a evolução histórica de um processo político, social, cultural e econômico, que se originou no passado e que continua a ser construído no seu dia a dia, através da ação dos sujeitos na história.

O homem cria a cultura na medida que, integrando-se nas condições de seu contexto de vida reflete sobre ela e dá respostas aos desafios que encontra. Cultura aqui é todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações dialogais com outros homens (FREIRE, 1999, p. 41).

A diversidade cultural é um tema atual e relevante, a partir do momento em que a escola desenvolve um ensino que procura entender a diversidade cultural da clientela. A cultura é algo simples e ao mesmo tempo complexo. Cultura é cultivo, ou seja, antes de tudo cultura é trabalho, trabalho humano transformando a natureza. De forma mais explícita, o amplo conjunto de resultados adquiridos coletivamente pelos homens no transcorrer do processo de transformação que exerceram sobre a natureza, sobre resultados culturais anteriores ao seu momento histórico (MORAIS, 1989).

Assim, refletir sobre a diversidade no âmbito educacional ainda é algo complexo, já que exige o reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, atitudes de respeito, de ética, rompendo assim com a idéia de homogeneidade que está impregnada no campo educacional. A própria idéia de diferença precisa ser posta em discussão, para entendermos a heterogeneidade.

Assumir a diversidade cultural significa muito mais do que um elogio as diferenças. Representa não somente fazer uma reflexão densa sobre as particularidades dos grupos sociais, mas também, implementando políticas públicas, alterar relações de poder, redefinir escolhas, tomar novos rumos e questionar a nossa visão de democracia (GOMES, 2003, p. 75).

A autora nos alerta que essa luta, que não é só pela valorização, mas também pelo reconhecimento das diferenças, não pode acontecer de forma isolada e nem se embasar em práticas culturais e políticas solitárias e excludentes. Precisamos de um diálogo e de uma discussão política. Nesse sentido, a preocupação de promover a igualdade deveria ser também da escola. Mas, para isso, é fundamental que tenhamos professores capazes de trabalhar com tais temáticas. Segundo Moreira (1999, p. 90), é preciso também conscientizar os estudantes sobre a “[...] diversidade cultural de nossa sociedade e de incentivar o questionamento das relações de poder envolvidas na construção dessa diversidade”.

Diante da grande diversidade cultural e de certa rigidez do currículo escolar, caberá ao professor a competência de observar as melhores maneiras de aplicar os conteúdos exigidos pela instituição. Ele precisa ter bem claro sua concepção de educação.

[...] existem semelhanças de valores universais e de pontos comuns que aproximam os diferentes grupos humanos. Essa é uma discussão sobre a diversidade cultural que precisa estar presente na escola. A originalidade de cada cultura reside na maneira particular como os grupos sociais resolvem ao mesmo tempo em que se aproximam de valores que são comuns a todos os homens e mulheres (GOMES, 2003, p. 73).

Pensar em multiculturalismo é um dos caminhos para combater os preconceitos e discriminações, constituindo assim uma nova ideologia para uma sociedade como a nossa, que é composta por diversas etnias, nas quais as marcas identitárias, como cor da

pele, modos de falar, diversidade religiosa, fazem a diferença. E essas marcas são definidoras de mobilidade e posição na nossa sociedade (OLIVEIRA, 2001). Os educadores precisam conhecer os mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política, ampliando os conhecimentos antropológicos, e também perceber as diferenças étnico-culturais sobre a realidade cruel e desumana. Nos dias de hoje, o currículo deve se voltar para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com a valorização da diversidade cultural, da cidadania e aptos a se inserirem num mundo global e plural,

o currículo na visão multicultural deve trabalhar em prol da formação das identidades abertas à pluralidade cultural, desafiadoras de preconceitos em uma perspectiva de educação para cidadania, para a paz, para a ética nas relações interpessoais, para a crítica as desigualdades sociais e culturais (Lopes, 1987, p. 21).

A autora mostra, assim, que um currículo multicultural pode trabalhar com muitas perspectivas. A escola pode mostrar aos alunos as fases folclóricas, abordando a influência de diferentes povos na formação da cultura, como também pode, em outros momentos, trabalhar com a perspectiva multicultural crítica, trabalhando assim os preconceitos, a formação da cidadania e questionamentos acerca da desigualdade que atinge determinados grupos. No entanto, em momentos diferentes pode ainda, mostrar a diversidade dentro da diversidade, questionando assim conceitos estereotipados na mídia, que trazem referência a povos e grupos de maneira homogeneizada

É preciso uma prática pedagógica que consiga trabalhar com as diferenças sem discriminação, com crenças em um padrão único de comportamento, de ritmo, de aprendizagem e de experiência. A ideia de padronização dá margem ao entendimento das diferenças como desvio, anormalidade, defasagem, desigualdade.

A escola possui a vantagem de ser uma das instituições sociais que é possível o encontro das diferentes presenças. Ela é também um espaço sociocultural marcado por símbolos, rituais, crenças, culturas e valores diversos. Essas possibilidades do espaço educativo escolar precisam ser vistas como riqueza, no seu fascínio, sendo assim, a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas (GOMES, 2003, p. 76).



Assim, a educação precisa ser entendida como algo além da instituição, precisa ser vista no âmbito do processo de desenvolvimento humano, no qual a diferença não pode ser aprendida ou entendida como um processo ou estado natural e individual, deixando de ser vista como um movimento histórico, social e político. Na educação da diversidade, o professor precisa pensar nas diferenças como uma arma na luta para uma educação intercultural.

A interculturalidade orienta processos que tem por base o reconhecimento do direito e a diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre as pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a essa realidade (CANDAUI, 2005, p. 32).

Nesta perspectiva intercultural, procura-se promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, passando a escola assim a ser vista como um espaço permanente para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais.

3. Organizar a escola para a diversidade

Organizar a escola para diversidade implica encontrarmos um caminho para a mudança, por isso o trabalho desenvolvido nas escolas deve estar voltado para atender todo tipo de diferença, tendo em vista o processo de mudança que vem ocorrendo na sociedade, pois somente através de prática transformadora é que se pode construir uma sociedade mais justa, que inclui e não exclui.

Através das práticas educacionais, dos conhecimentos, destrezas e valores que, de maneira explícita ou oculta, são estimulados, as crianças vão se sentindo membros de uma comunidade. Pouco a pouco, tornam-se conscientes de uma série de peculiaridades que as identificam e dos laços que as unem como grupo de iguais. Por contraposição, descobrem que algumas das características físicas, idioma, costumes, modo de pensar das quais elas comungam, são diferentes das de outras pessoas e grupos humano. Todos os seres humanos, no momento em que se encontram diante de outras pessoas com características físicas muito diferentes ou outro idioma materno, ou com costumes muito diferentes, adquirem algum grau de consciência de sua existência como grupo diferenciado, compreendem que partilham uma certa visão de mundo com seu grupo de igual e ao mesmo tempo, que existem outras maneiras de pensar e ser (SILVA, 2008, p. 168).

A escola precisa acolher, criticar e colocar em contato diferentes saberes e manifestações culturais diversas. Precisamos, assim, reconhecer nossa própria identidade cultural, refletindo no quem são os nós? E quem são os outros? A escola precisa abrir as portas para as diferentes manifestações culturais. Assim nós, como educadores, temos a obrigação não só de conhecer os mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política, ampliando os nossos conhecimentos antropológicos, mas também de perceber as diferenças étnico-culturais sobre a realidade.

É preciso quebrar barreiras que ainda existentes no campo educacional, que ainda estão impedindo o avanço e o aprofundamento sobre o conhecimento sobre essa temática. Assim, professores e escola precisam se apropriar de conhecimentos científicos presentes nos PCN's, por exemplo, onde vários conceitos merecem destaque entre os conhecimentos antropológicos, éticos, jurídicos, históricos, geográficos, sociológicos, dentre outros. Segundo Gomes (2003, p. 71), “a função social e política da escola é muito mais do que escolher a metodologia eficaz para a transmissão dos conhecimentos históricos”. Assim, é também necessária a criação de um ambiente educacional e social, onde os alunos são encorajados a explorar completamente seu potencial, respeitando a liberdade de pensamento.

Precisamos com urgência compreender não apenas educandos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – em suas dimensões e com os seus rostos mais individuais e individualizados – o que sempre foi e segue sendo algo de suma importância –, mas também como sujeitos sociais e enquanto atores culturais. Saber vê-los e os compreender como pessoas que trazem à escola as marcas identitárias de seus modos de vida e das culturas patrimoniais de suas casas, famílias, parentelas, vizinhanças comunitárias, grupos de idade e de interesse. (BRANDÃO, 2009, p. 14).

O autor mostra o quanto é essencial a escola ser um espaço de educação inclusiva, olhando tanto a diversidade quanto a especificidade da diferença, investigando-a para vê-la em sua coletividade. É preciso questionar o cotidiano escolar, compreender as culturas. Para isto, o currículo deve ser visto de forma sócio-política e não mais permanecer indiferente à diversidade cultural e social de seus alunos.

Construir um currículo multicultural é respeitar as diferenças culturais, étnicas, de gêneros, dentre outras. Pensar num currículo multicultural é opor-se ao



etnocentrismo e preservar valores básicos de nossa sociedade. Também é importante pesquisar a história dos alunos para que o conteúdo a ser estudado esteja de acordo com seus interesses e realidade. Somente uma educação multicultural pode dar conta desta tarefa, pois

se propõe a analisar, criticamente, os currículos monoculturais atuais e procura formar criticamente os professores, para que mudem suas atitudes diante dos alunos mais pobres e elaborem estratégias instrucionais próprias para a educação das camadas populares, procurando, antes de mais nada, compreendê-las na totalidade de sua cultura e de sua visão de mundo (GADOTTI, 2000, p. 56).

A escola, a partir dessa perspectiva, passa a ser um espaço de diálogo e comunicação entre o discurso dominante e o discurso popular, havendo troca de saberes que são necessários para a construção de identidade de cidadãos críticos e reflexivos. É preciso que haja o respeito à pluralidade e à diversidade.

Ensina a educação ou a ação cultural para a libertação em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer em que os educando também educadores como consciências “intencionadas” ao mundo, ou como corpos conscientes, se encerram com os educadores na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de relacionamento existente (FREIRE, 1994, p. 99).

Entende-se que o primeiro passo para isso é defender uma educação questionadora. Por isso, os professores também precisam ser investigadores, questionadores, para adquirem um olhar etnográfico crítico. A escola também precisa desse olhar etnográfico, ou seja, a escola deve ser vista como um organismo vivo com identidade própria, constituído tanto pela equipe gestora como também por professores, alunos e funcionário ganhando assim face às diversidades. Por isso esse olhar etnográfico se torna importante, pois através do mesmo busca-se a descoberta do outro e ao mesmo tempo o respeito pelo ser diferente, sendo este um ser cultural e social.

Considerações finais

É preciso que haja uma educação democrática. Por isso, a escola deve propor a apropriação política do conhecimento científico e da cultura em geral, não perdendo de vista o aspecto fundamental, ou seja, a noção de que o conhecimento não constitui uma série de informações técnicas a serem aprendidas pelos alunos, mas de construção de saberes onde há o reconhecimento das diversidades culturais e sociais de cada aluno e os mesmos se enxerguem como seres sociais e culturais.

Pensando nessa perspectiva, diversidade cultural significa uma ação pedagógica que vai além do reconhecimento de que os alunos sentados nas cadeiras de uma sala de aula são diferentes, por terem suas características individuais e pertencentes a um grupo social. É preciso efetivar uma pedagogia da valorização das diferenças.

A escola deve ser um espaço de diálogo entre as culturas, e os professores precisam ser eternos aprendentes, estudando, pesquisando, reavaliando conceitos, modelos e teorias, para que sejam capazes de rever antigas formas de dar aula, ou de ver o aluno, pois hoje em dia não há mais espaço em sala de aula para o preconceito, discriminação ou exclusão. É preciso reconhecer as diferenças, já que na sala de aula não existe um único perfil de aluno. Assim, acredita-se que a antropologia, enquanto ciência, traz grandes contribuições e reflexão sobre diversidade e cultura, para entendermos as diferenças; já que ela nos mostra que as culturas não diferem entre si do mesmo modo, tornando a diversidade fundamental.

A escola de hoje precisa encontrar seu caminho para a diversidade, engajando as crianças no mundo das diferenças, preparando-as para serem legítimas cidadãs. Na sala de aula, há alunos de diversas culturas, o que requer do professor um olhar diferenciado para seu planejamento, bem como para o currículo escolar, através de adaptações aos conteúdos e às atividades desenvolvidas em sala de aula. É preciso, assim, reconhecer as culturas existentes dentro da escola, pois o reconhecimento da heterogeneidade mostra o que são as diferenças dentro do processo pedagógico para que haja uma educação democrática, de respeito às diferenças, em que os educandos sejam construtores de suas individualidades e capazes de fazer escolhas, a partir de conhecimentos construídos e reconstruídos.



Referências

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**. Ensino de 5ª a 8ª série, Brasília/DF, 1997.

_____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 10.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Algumas palavras sobre a cultura e a educação. In: ROCHA, G. & PEREIRA, S. T. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. SP: Brasiliense, 1986.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **Da escola Pública e da Particular**. In: Diretrizes e Bases da Educação. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1960.

CANDAU, M. Vera (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____. (org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, 13-39.

_____. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____. (Org.). **Cultura(s) e educação**. Entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p. 13-39.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessário a Prática Educativa**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnocultural. In: RAMOS, M.; ADÃO, J. M.; G. M. N. (Org.) **Diversidade na Educação: Reflexões e experiência**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003, p. 67-77.



_____. **Indagações sobre Currículo: Diversidade e Currículo.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. **Antropologia e educação.** Interfaces do ensino e da pesquisa. *Cadernos CEDES*, n. 43. Campinas: Cedes/Unicamp, p. 26-37, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um Conceito Antropológico.** Jorge Zahar Editor. 22ª edição. Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História.** Lisboa: Editorial Presença, 1980.

LOPES, Helena Theodoro (org). **Negro e Cultura no Brasil.** Rio de Janeiro REVAN / UNESCO 1987.

LOURO, Guacira L. **Corpo, gênero, sexualidade.** 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes 1997.

MORAIS, Regis. **Cultura Brasileira e Educação.** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MOREIRA, A. F. e CANDAU, M. V.. Currículo, conhecimento e cultura. In: BEAUCHAMP, J; PAGEL. S.D; NASCIMENTO, A.R.D. (org). **Indagações sobre Currículo: Currículo, Conhecimento e Cultura.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 117-30.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T.. **Currículo, cultura e sociedade.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, nº 3. São Paulo, jun/2000, p. 109-116.

OLIVEIRA, Eliana. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: Questões para debate.** 2001. Artigo disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>>. Acesso em: 25 novembro 2011.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo.** São Paulo, Brasiliense, 1984.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 (Coleção Temas & Educação, 10).



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos culturais. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático** – Salvador, BA, EDUFBA, 2005.

SOUZA, Marcelo G.A. Educar para a tolerância e o respeito à diferença: uma reflexão a partir da proposta Escola Plural. In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s). Questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 156-172.

WULF, Christop, 1944. **Antropologia da Educação**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2005.

TOMAZ, Tadeu da Silva. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEIRA, Renata; MACIEL, Lizete Bomura. Menino Brinca de boneca? Contribuição da teoria histórico-cultural para se pensar o preconceito em sala de aula. In: **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: sujeitos, currículos e culturas – XIV ENDIPE; Porto Alegre – RS: Edipucrs, 2008.